CMP 1.2.2. 137

FOLHA DE S. PAULO ilustrada
Quarta-feira, 20 de junho de 1979

Multidão na última homenagem a Procópio

Das Sucursais

Sob os aplausos de uma multidão, que aguardava a saída do féretro desde cedo, o corpo de Procópio Ferreira deixou, na tarde de ontem o Teatro Municipal do Rio em direção ao Cemitério São Francisco Xavier, onde foi enterrado. Levado numa viatura do Corpo de Bombeiros, coberta de coroas, o cortejo seguiu pelas ruas do centro da cidade com pouco acompanhamento, já que o povo, que compareceu em massa ao enterro, não tem dinheiro para táxis. Mas, na porta do cemitério, outra multidão aguardava Procópio Ferreira para acompanhá-lo até a sepultura.

No meio da multidão, nomes ilustres, inclusive representantes do presidente da República — general-de-brigada Paulo Miranda Leal, comandante da artilharia de costa da 1.ª Região Militar — do governador Chagas Freitas e do governador Ney Braga, do Paraná. Os três enviaram coroas, como última homenagem ao ator. Muitos atores, como Nathalia Timberg, Francisco Moreno, Isolda Cresta, além do diretor do Serviço Nacional de Teatro, Orlando Miranda, também foram ao cemitério.

Ao velório, realizado no Teatro Municipal, compareceram muitos artistas. Glória Menezes, Tarcisio Meira, Paulo José, Dias Gomes, Marília Pêra entre outros. Bibi Ferreira, sua mãe, d. Aida Isquierda e a segunda esposa do ator, d. Hamilta Rodrigues, ficaram praticamente o tempo todo junto ao corpo. Desde a noite, uma multidão, organizada em fila indiana, desfilou frente ao caixão. Calcula-se que cerca de 10 mil pessoas tenham ido despedir-se do Procópio Ferreira.

O presidente da Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro, Guilherme Figueiredo, foi ao Teatro Municipal e lamentou a perda do ator. "Dificilmente, haverá outro Procópio", comentou. Para Guilherme Figueiredo, Procópio foi o maior intérprete brasileiro de Molière.

"Tanto que foi convidado, em 1942, por Luis Jouvet, na época um dos maiores atores franceses, para interpretar "O Avarento", em Paris. Procópio, apesar de se sentir lisonjeado com o convite, não o aceitou. Acabou me dando a carta-convite como lembrança. Agora, pretendo doá-la para o acervo do Museu do Teatro, mantido pelo SNT."

Guilherme Figueiredo disse, ainda, que foi Procópio quem o lançou como dramaturgo, encenando sua peça "Lady Godiva", em 1949. Mais tarde, encenou mais duas peças de Figueiredo: "Greve Geral" e "A Raposa e as Uvas", esta em Portugal. Para o presidente da Funterj, Procópio deixou, além de sua contribuição como ator, a imagem de um homem bom, excelente colega.

"Costumávamos ir, depois dos seus espetáculos, para sua casa, onde ele tinha um bar chamado "Beija-Flor". Era um bar mesmo, com um grande estoque, mesas. Bebíamos bastante e depois jantávamos. O cardápio costumava ser simples, como o dono-da-casa. Geralmente, era arroz, feijão, nabo, giló e maxixe".

Orlando Miranda, diretor do SNT, comentava que Procópio foi o maior ator brasileiro deste século. Para ele, o governo francês deveria ter enviado, também, um representante ao enterro, "já que Procópio foi um dos maiores intérpretes de Molière." Nathalia Tinberg, que trabalhou com o ator na televisão, lembrava sua humildade: "Respeitava muito os colegas, para ele, todo mundo tinha talento".

Sua primeira esposa, d. Aida, fez questão de lembrar o grande amor que Procópio dedicou ao teatro. Para ela, nunca houve um ator como ele, "que era o rei da inflexão, pois era capaz de dizer uma fraze de dez maneiras diferentes, todas convincentes". D.Hamilta, que viveu com o ator durante trinta anos, confirmava que para Procópio, o teatro não tinha segredos: "Era sua grande paixão".

Procópio Ferreira morreu sem terminar de escrever suas memórias. O que está pronto porém, deverá ser editado pelo Serviço Nacional de Teatro, pois Orlando Miranda acha de grande importância que se preserve a memória do ator falecido: "Ele foi tão importante para o teatro brasileiro, que, falar sobre isso, é chover no molhado". Opinião compartilhada por Guilherme Figueiredo, para quem Procópio é insubstituível:

"O ator que chegou mais perto dele foi Sérgio Cardoso, o que aliás não foi vantagem. Cardoso foi aluno dedicado de Procópio e com ele aprendeu os mistérios da arte de representar."

NO SENADO

"Deus lhe pague". Com estas palavras, que foram o título da célebre peça de Joraci Camargo, representada mais de três mil vezes por Procópio Ferreira, o senador Nelson Carneiro encerrou o discurso de pesar pela morte do ator, agradecendo-lhe toda uma vida dedicada ao teatro e à cultura do Brasil.

A requerimento do orador, e com o apoio da liderança da maioria, externado pelo senador Murilo Badaró (Arena-MG) o Senado aprovou voto de pesar pelo falecimento de Procópio.

Nelson Carneiro Assegurou que "os autores que ele lançou, os intérpretes que projetou, as multidões que levou ao teatro, são, nesta hora de despedida, mais expressivas, porque mais vivos, mais duradouros do que os prêmios que conquistou, as homenagens que recebeu e os troféus que reuniu".

Centenas de pessoas assistiram à saída do enterro do Teatro Municipal.

"É preciso alguém para frear aquelas coisas que vão contra a moral."

O ator tradicional contra a vanguarda

Procópio Ferreira era um homem de principios rígidos e combateu com toda a energia as transformações sofridas pelo teatro nos últimos 30 anos: "Não nos podemos esquecer, disse ele em 1956, de que teatro é arte e que a arte deve ser sempre construtiva. Nos dois primeiros atos de uma peça, apresentam-os um bandido com todos os requintes de perversidade, mas no terceiro, por força de uma série de acontecimentos que se concatenam, apresentamos a sua regeneração. Não podemos nunca fazer a apoteose do mal. Ou melhor, não deveríamos nunca fazer isso. Hoje, porém, com o advento do falso intelectual, não vemos outra coisa do que a apoteose do vício. Os chamados dramas de conteúdo psicológico quase sempre não passam de oportunidades aproveitadas por degenerados para extravasar seus recalques. Para essa gente, deveria haver um capítulo especial do Código Penal."

Procópio ia fundo nas suas críticas às novidades: "Não sou contra a censura. E preciso ter alguém para frear aquelas coisas que vão contra a moral e os bons costumes." E se preocupava com a moral e os bons costumes da classe teatral: "Antes, era a cocotte a figura que dominava o teatro. Bonitinha e dona de pernas bem torneadas, não precisava de talento para encontrar quem lhe montasse uma peça ou lhe arrendasse uma casa de espetáculo. Hoje, a cocotte foi substituída — e muito mal, convenhamos — pelo homossexual. Todos os desviados nos querem fazer crer que são artistas e organizam então suas torrezinhas de marfim." Seus conselhos baseavam-se na sua carreira bem sucedida: "Um ator, para vencer, precisa ter vocação, ter a arte de saber dizer, de gesticular, de dar inflexões justas à voz. Não se improvisa um ator. Ele tem que nascer para a profissão."

Produtor e diretor de suas próprias peças, Procópio acreditava na estrutura individualista dos espetáculos: "Não tenho culpa de destacar-me no elenco. A culpa não é minha, mas dos autores, que sempre fazem papéis salientes nas peças. Aliás, não há teatro de equipe. Teatro de equipe é slogan inventado pelos medíocres, que se querem comparar aos maiores. Quem vai a qualquer teatro quer ver o ator que está sendo anunciado. Isso acontece em todos os tempos. E é para os mais bem dotados que os autores escrevem. Seria coerente que Sarah Bernhardt, Duse, Zacconi, Jouvet ou Barrault cedessem seus papéis a atores secundários? A seleção é feita naturalmente. O teatro é comércio, como outro qualquer. Se anuncio sapato de pelica e vendo outro inferior, o freguês protesta. Se anuncio Procópio e mostro outro ator, acontece o mesmo. Por isso sempre fracassaram as peças em que me eclipsei um pouco em função dos outros, em virtude do físico exigido para o papel. 'O marido de minha noiva', tradução minha, não ficou em cartaz porque eu entrava no segundo ato. Eu bem desejaria descansar. Não tenho culpa de ter-me esforçado mais, de ter acertado mais."

Personagem de muitas lendas

FLAVIO RANGEL

A imagem que Procópio Ferreira deixa é a de um artista triunfante, que ocupou durante décadas o centro do teatro brasileiro. Teve uma carreira brilhante, com algumas interpretações que marcaram época. Fora de cena, guardava algumas das características que o fizeram famoso; era carismático, inteligente, engraçado. Tinha orgulho de ser um "homme à femmes", e sua privilegiada memória fazia com que ele encantasse um sem número de artistas de gerações mais recentes que a dele, quando — boêmio eterno — sentava-se nas mesas dos restaurantes que a classe teatral frequenta e desfiava suas lembranças. Nos últimos anos, novas concepções estéticas e uma compreensão mais diversificada do fenômeno teatral fizeram surgir novas estrelas nos palcos brasileiros; mas Procópio sempre manteve seu lugar, como a legítima lenda viva que, com toda a justiça, sempre foi.

E tinha perfeita noção de qual era seu lugar. Quando ganhou o prêmio Air France de cinema, com sua extraordinária interpretação de "Em Família", foi honrosamente surpreendido com a notícia de que me escolhera pra entregá-lo. Quando pronunciei o nome de Procópio Ferreira, e ele entrou no palco, recebeu uma extraordinária ovação, de longe a maior da noite. Comentando com o ator o carinho da platéia, murmurou apenas: "Foi sempre assim, meu filho; foi sempre assim".

Mas a imagem de Procópio Ferreira não ficaria completa se não se o visse também sob o ângulo do estudioso de teatro, do homem culto e informado sobre sua profissão, aquilo que a formou e suas hipóteses: num de seus livros — "O Ator Vasques" — faz uma análise brilhante sobre estilo brasileiro de interpretação e sobre a necessidade do país não perder suas verdadeiras raízes, autênticas e nacionais, na captação dos anseios populares e na sua legítima expressão sobre um palco. Contrapondo a figura de Vasques à de João Caetano (que considerava elitista e pouco brasileiro), Procópio faz uma vigorosa defesa de gêneros normalmente considerados menores, muito antes que o teórico Eric Bentley praticamente esgotasse o assunto em seu "The Life of the Drama".

Pessoalmente, era uma figura encantadora. Deixou um legado de amor ao teatro muito, muito grande. E como se tudo que fez não fosse o bastante, deixou também um documento vivo de continuidade e de imenso talento: sua filha Bibi, personalidade teatral completa, que a partir do sepultamento de seu querido pai, tem a imensa responsabilidade de conduzir sozinha (o que certamente fará com o brilho com que o fez até agora) a luminosa legenda da dinastia Ferreira.

Boa contribuição ao cinema

ORLANDO F. FASSONI

A participação de Procópio Ferreira no cinema brasileiro não alcançou a grandeza de suas incontáveis presenças nos palcos teatrais. Ainda assim, Procópio não renegou-se ao cinema, como outros, e simplesmente preferiu fazer dela uma alternativa entre o seu trabalho mais rigoroso, no teatro, e determinados tipos de filmes — alguns, inclusive, com ligações teatrais — que o marcariam, muito mais, como um ator despreocupado, despojado de todas aquelas características que lhe exigiam as grandes encenações do seu campo específico, o palco.

No ano de 1925, no Brasil, Procópio já havia atuado em duas produções baratas, "A Quadrilha do Esqueleto" e "Um Senhor de Posição", evidentemente histórias em que os autores procuravam satirizar os costumes da época, os comportamentos sociais. O filme que interpretou em Portugal em 1936, "O Trevo de Quatro Folhas", deve ter sido consequência do tempo em que permaneceu em Lisboa, interpretando a peça "Deus Lhe Pague". E mesmo antes dessa estréia portuguesa, Procópio já tinha feito aqui "Coisas Nossas", em 1931, uma comédia realizada por Wallace Downey em que apareciam, — além do elenco (Estefânia Macedo e Batista Júnior), alguns nomes consagrados na música popular, como o de Chico Alves e as duplas sertanejas Jararaca e Ratinho e Paraguaçu e Justo. Em 1934, fez "Tesouro de Viking", direção de Plinio Ferraz com argumento de Coelho Neto e, no elenco, além de Procópio, Cristiano Reis, Emilio Dunas e Jacy Torres.

Em 1940, com "Pureza", obra mais elaborada produzida pela Cinédia, a companhia de Adhemar Gonzaga, e dirigida por Chianca de Garcia, Procópio teve o seu primeiro importante papel no cinema nacional, ilustrando um dos personagens de José Lins do Rego, autor no qual o filme se baseou. Depois, em 44, quando viviamos a II Guerra Mundial, o mesmo Adhemar Gonzaga contratou Procópio para participar da sátira aos alemães de Hitler. O filme, "Berlim na Batucada", procurava brincar com os alemães.

Nos anos 50, os papéis entregues a Procópio, no cinema nacional, evidentemente acompanharam a moda da época, ou seja, a chanchada. Assim, ele fez "O Comprador de Fazendas" (1951), versão do conto de Monteiro Lobato; "O Homem do Papagaio", de 53, dirigida por Armando Couto, onde Procópio, autor do argumento, quis satirizar a mania do bem-estar, dos homens que vivem do expediente do 'papagaio' (nota promissória bancária) para manter as aparências de bom burguês, poder casar bem as filhas etc, embora eternamente assediado por credores.

Em 54, "A Sopa", outra chanchada de pouco êxito, e, depois, "Quem Matou Anabela", de 56, drama policial razoavelmente cuidado. Em 1960, "Titio Não é Sopa", de Cinedistri, com Eliana, Ronaldo Lupo, Herval Rossano e Nancy Montez, chanchada paulista sobre um tio apegado ao dinheiro e que se vê em dificuldades para impedir que um sobrinho acabe com sua fortuna.

Procópio atuou, ainda, em "Crônica da Cidade Amada", de Carlos Hugo Christensen, realizado em 1965, e deu sua última contribuição ao cinema brasileiro participando, num pequeno papel, no "Em Família", de Paulo Porto, com roteiro de Oduvaldo Viana Filho e Ferreira Gullar, um drama em torno das relações pais e filhos, de pessoas velhas e pessoas novas, estas tentando encontrar soluções para acomodar a velhice dos pais. Procópio, aí, interpretou Afonsinho, o velho amigo que seu Souza (Rodolfo Arena) não quer abandonar num momento em que ele próprio se vê à beira do abandono. Foi Afonsinho, o personagem, quem deu a Procópio um de seus últimos prêmios: o de melhor ator naquele ano.

Em "O Homem dos Papagaios", sátira à mania do bem-estar.

Mestre na arte de fazer rir

Com a cara de patinho feio e as mãos das mais expressivas, como foi descrito, Procópio Ferreira, o ator, é lembrado pelos artistas como o homem que soube fazer as platéias rir como nenhum outro. O artista que dedicou toda sua vida ao teatro e aos amores mas que, como toda figura de destaque que desaparece, só está sendo homenageado depois da morte. Teatro em seu nome, as comendas não foram suficientes para reverenciar o ator que conseguiu trazer o público ao teatro brasileiro.

Sadi Cabral, que iniciou sua carreira com o ator, fala:

— Eu ainda não era ator e me lembro de ter assistido "A Juriti", de Viriato Correia, que foi decisiva na carreira de Procópio. Até então o teatro brasileiro estava nas mãos de Leopoldo Fróes e Procópio inaugurou um novo momento da comédia. Sua importância é inegável não só como intérprete, mas como o home que deu trabalho a muito ator e acostumou o público a frequentar o teatro.

Sadi Cabral não foi amigo íntimo de Procópio mas recorda-se do trabalho que fizeram juntos em "Família e Festa na Roça", montado pelo Serviço Nacional do Teatro, no Rio, para homenagear o centenário de Martins Pena.

— Todos os atores trabalhavam de graça e me lembro que a crítica acabou com o espetáculo. Apenas ressaltou o trabalho de três atores, que eram o Procópio, o Sérgio Cardoso e eu, porque nos entrosamos perfeitamente em cena. Ainda trabalhei em três peças de sua companhia e na novela da Tupi, "Divinas e maravilhosas". Embora a gente não tivesse uma amizade mais profunda, guardo boas recordações desse intérprete que fez rir tantas pessoas. Pessoalmente, assim que soube de sua morte fui buscar o livro que ele me deu, "A Arte de Fazer Rir", de sua autoria, com uma dedicatória muito carinhosa.

Apenas uma grande fã de Procópio Ferreira, que considera o único ídolo cômico brasileiro, Dercy Gonçalves lamenta que, como sempre, mais um artista não foi reconhecido, em vida, pelo seu valor.

— O teatro nunca deu a devida importância ao ator Procópio Ferreira. Tanto que quando ele pensou em se aposentar, não pôde concretizar esse plano porque não tinha documentos. E apenas não ficou desamparado porque sua filha Bibi Ferreira o apoiou financeiramente.

Dercy diz também que Procópio não teve muitos amigos com quem pudesse contar. Eles apenas existiram enquanto o ator "os financiava", como ela explica:

— Foi no tempo em que ele teve o restaurante "Picadinho do Procópio" que funcionava em sua casa no Rio e estava sempre cheio de gente, de artistas. Quando isso se acabou os amigos também desapareceram.

Mas isso não lhe tirou a importância como ator cômico. Para Dercy, o maior ator cômico do Brasil.

— E ele era um patinho feio. Mas sua comicidade estava no próprio olhar, nas mãos e nas suas inflexões de voz que só ele soube usar com precisão. Pena que como sempre acontece no Brasil, Procópio Ferreira só está sendo reverenciado depois de morto. Isso eu não quero para mim.

Lélia Abramo, presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos de São Paulo, conheceu muito pouco o artista Procópio Ferreira. Mas Lembra das conversas que tiveram, onde ele se mostrava "um verdadeiro cavalheiro, com postura de gentleman".

— Acredito que Procópio teve um papel fundamental na história do teatro brasileiro, que durante décadas ele interpretou para o lado do humor, do divertissement. Soube escolher muito bem os textos cômicos que interpretou e esteve sempre dentro da realidade do nosso País. Pode não ter feito o teatro dramático, mas dedicou sua vida toda ao teatro e jamais a traiu ou renegou.